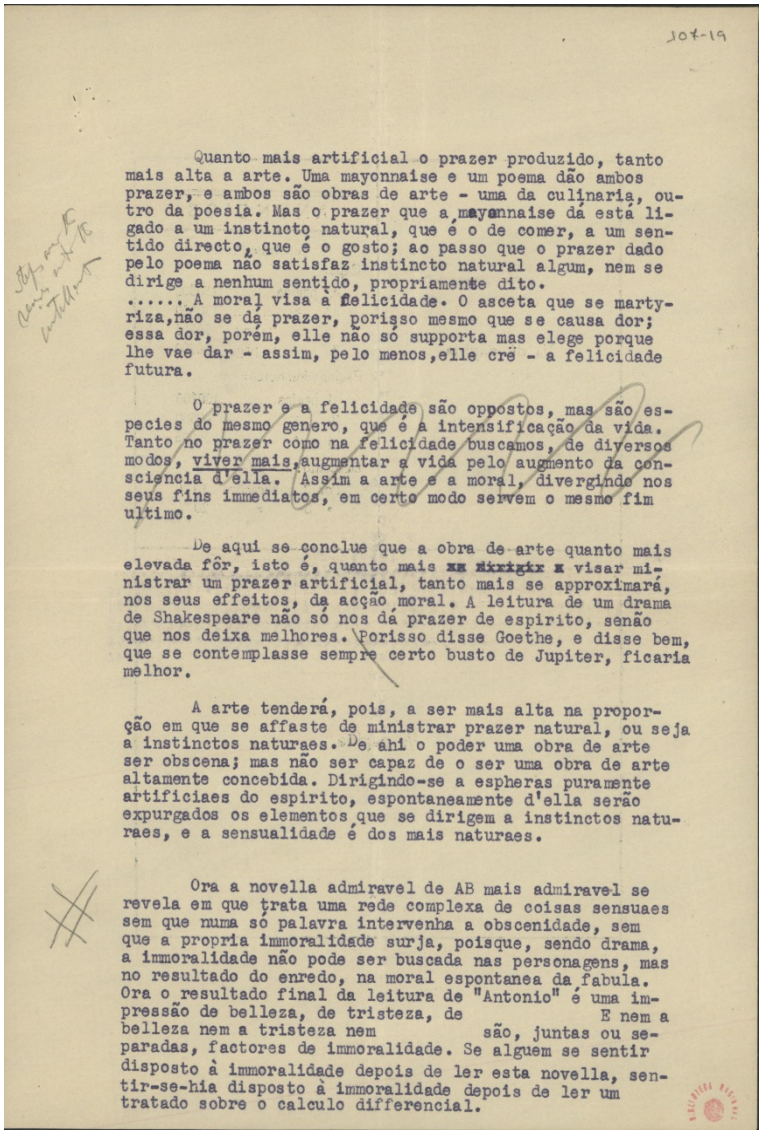
BNP/E3, 107 – 19r



Quanto mais artificial o prazer produzido, tanto mais alta a arte. Uma mayonnaise e um poema dão ambos prazer, e ambos são obras de arte - uma da culinaria, outro da poesia. Mas o prazer que a mayonnaise dá está ligado a um instincto natural, que é o de comer, a um sentido directo, que é o gosto; ao passo que o prazer dado pelo poema não satisfaz instincto natural algum, nem se dirige a nenhum sentido, propriamente dito.
..... A moral visa a felicidade. O asceta que se martyriza, não se dá prazer, porisso mesmo que se causa dor; essa dor, porém, elle não só supporta mas elege porque lhe vae dar - assim, pelo menos, elle crê - a felicidade futura.

O prazer e a felicidade são oppostos, mas são especies do mesmo genero, que é a intensificação da vida. Tanto no prazer como na felicidade buscamos, de diversos modos, viver mais, augmentar a vida pelo augmento da consciencia d'ella. Assim a arte e a moral, divergindo nos seus fins immediatos, em certo modo servem o mesmo fim ultimo.

De aqui se conclue que a obra de arte quanto mais elevada fôr, isto é, quanto mais ~~se dirigir a~~ visar ministrar um prazer artificial, tanto mais se approximará, nos seus effeitos, da acção moral. A leitura de um drama de Shakespeare não só nos dá prazer de espirito, senão que nos deixa melhores. Porisso disse Goethe, e disse bem, que se contemplasse sempre certo busto de Jupiter, ficaria melhor.

A arte tenderá, pois, a ser mais alta na proporção em que se affaste de ministrar prazer natural, ou seja a instinctos naturaes. De ahi o poder uma obra de arte ser obscena; mas não ser capaz de o ser uma obra de arte altamente concebida. Dirigindo-se a espheras puramente artificiaes do espirito, espontaneamente d'ella serão expurgados os elementos que se dirigem a instinctos naturaes, e a sensualidade é dos mais naturaes.

Ora a novella admiravel de AB mais admiravel se revela em que trata uma rede complexa de coisas sensuaes sem que numa só palavra intervenha a obscenidade, sem que a propria immoralidade surja, poisque, sendo drama, a immoralidade não pode ser buscada nas personagens, mas no resultado do enredo, na moral espontanea da fabula. Ora o resultado final da leitura de "Antonio" é uma impressão de belleza, de tristeza, de E nem a belleza nem a tristeza nem são, juntas ou separadas, factores de immoralidade. Se alguem se sentir disposto à immoralidade depois de ler esta novella, sentir-se-hia disposto à immoralidade depois de ler um tratado sobre o calculo differencial.

Transcrição

Quanto mais artificial o prazer produzido, tanto mais alta a arte. Uma mayonnaise e um poema dão ambos prazer, e ambos são obras de arte – uma da culinaria, outro da poesia. Mas o prazer que a mayonnaise dá está ligado a um instincto natural, que é o de comer, a um sentido directo, que é o gosto; ao passo que o prazer dado pelo poema não satisfaz instincto natural algum, nem se dirige a nenhum sentido, propriamente dito.

Steps over the senses into the intellect ..... A moral visa à felicidade. O asceta que se martyriza, não se dá prazer, porisso mesmo que se causa dor; essa dor, porém, elle não só supporta mas elege porque lhe vae dar – assim, pelo menos, elle crê – a felicidade futura.

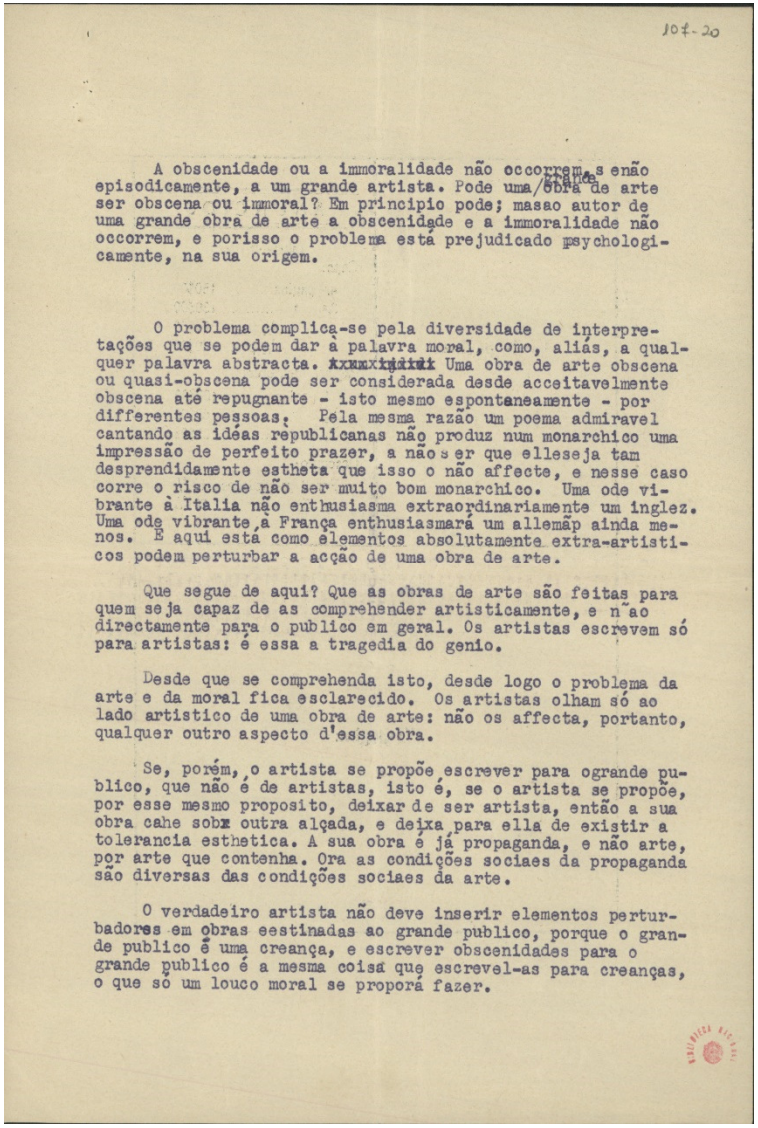
~~O prazer e a felicidade são oppostos, mas são especies do mesmo genero, que é a intensificação da vida. Tanto no prazer como na felicidade buscamos, de diversos modos, *viver mais*, augmentar a vida pelo augmento da consciencia d'ella. Assim a arte e a moral, divergindo nos seus fins immediatos, em certo modo servem o mesmo fim ultimo.~~

De aqui se conclue que a obra de arte quanto mais elevada fôr, isto é, quanto mais ~~se dirigir a~~ visar ministrar um prazer artificial, tanto mais se approximará, nos seus effeitos, da acção moral. A leitura de um drama de Shakespeare não só nos dá prazer de espirito, senão que nos deixa melhores. Porisso disse Goethe, e disse bem, que se contemplasse sempre certo busto de Jupiter, ficaria melhor.

A arte tenderá, pois, a ser mais alta na proporção em que se affaste de ministrar prazer natural, ou seja a instinctos naturaes. De ahi o poder uma obra de arte ser obscena; mas não ser capaz de o ser uma obra de arte altamente concebida. Dirigindo-se a espheras puramente artificiaes do espirito, espontaneamente d'ella serão expurgados os elementos que se dirigem a instinctos naturaes, e a sensualidade é dos mais naturaes.

Ora a novella admiravel de Antonio Botto mais admiravel se revela em que trata uma rede complexa de coisas sensuaes sem que numa só palavra intervenha a obscenidade, sem que a propria immoralidade surja, poisque, sendo drama, a immoralidade não pode ser buscada nas personagens, mas no resultado do enredo, na moral espontanea da fabula. Ora o resultado final da leitura de "Antonio" é uma impressão de belleza, de tristeza, de {…} E nem a belleza nem a tristeza nem {…} são, juntas ou separadas, factores de immoralidade. Se alguem se sentir disposto à immoralidade depois de ler esta novella, sentir-se-hia disposto à immoralidade depois de ler um tratado sobre o calculo differencial.

BNP/E3, 107 – 20r



107-20

A obscenidade ou a immoralidade não occorrem, s enão episodicamente, a um grande artista. Pode uma obra de arte ser obscena ou immoral? Em principio pode; masao autor de uma grande obra de arte a obscenidade e a immoralidade não occorrem, e porisso o problema está prejudicado psychologicamente, na sua origem.

O problema complica-se pela diversidade de interpretações que se podem dar à palavra moral, como, aliás, a qualquer palavra abstracta. ~~Xxxxxiiiii~~ Uma obra de arte obscena ou quasi-obscena pode ser considerada desde acceitavelmente obscena até repugnante - isto mesmo espontaneamente - por differentes pessoas. Pela mesma razão um poema admiravel cantando as idéas republicanas não produz num monarchico uma impressão de perfeito prazer, a não ser que elleseja tam desprendidamente estheta que isso o não affecte, e nesse caso corre o risco de não ser muito bom monarchico. Uma ode vibrante à Italia não enthusiasma extraordinariamente um inglez. Uma ode vibrante à França enthusiasmará um allemão ainda menos. E aqui está como elementos absolutamente extra-artisticos podem perturbar a acção de uma obra de arte.

Que segue de aqui? Que as obras de arte são feitas para quem seja capaz de as comprehender artisticamente, e não directamente para o publico em geral. Os artistas escrevem só para artistas: é essa a tragedia do genio.

Desde que se comprehenda isto, desde logo o problema da arte e da moral fica esclarecido. Os artistas olham só ao lado artistico de uma obra de arte: não os affecta, portanto, qualquer outro aspecto d'essa obra.

Se, porém, o artista se propõe escrever para ogrande publico, que não é de artistas, isto é, se o artista se propõe, por esse mesmo proposito, deixar de ser artista, então a sua obra cahe sobx outra alçada, e deixa para ella de existir a tolerancia esthetica. A sua obra é já propaganda, e não arte, por arte que contenha. Ora as condições sociaes da propaganda são diversas das condições sociaes da arte.

O verdadeiro artista não deve inserir elementos perturbadores em obras eestinadas ao grande publico, porque o grande publico é uma creança, e escrever obscenidades para o grande publico é a mesma coisa que escrevel-as para creanças, o que só um louco moral se proporá fazer.

Transcrição

A obscenidade ou a immoralidade não occorrem, senão episodicamente, a um grande artista. Pode uma grande obra de arte ser obscena ou immoral? Em principio pode; mas ao autor de uma grande obra de arte a obscenidade e a immoralidade não occorrem, e porisso o problema está prejudicado psychologicamente, na sua origem.

O problema complica-se pela diversidade de interpretações que se podem dar à palavra moral, como, aliás, a qualquer palavra abstracta. ~~A um ijdidi~~ Uma obra de arte obscena ou quasi-obscena pode ser considerada desde acceitavelmente obscena até repugnante – isto mesmo espontaneamente – por differentes pessoas. Pela mesma razão um poema admiravel cantando as idéas republicanas não produz num monarchico uma impressão de perfeito prazer, a não ser que elle seja tam desprendidamente estheta que isso o não affecte, e nesse caso corre o risco de não ser muito bom monarchico. Uma ode vibrante à Italia não enthusiasma extraordinariamente um inglez. Uma ode vibrante à França enthusiasmará um allemão ainda menos. E aqui está como elementos absolutamente extra-artisticos podem perturbar a acção de uma obra de arte.

Que segue de aqui? Que as obras de arte são feitas para quem seja capaz de as comprehender artisticamente, e não directamente para o publico em geral. Os artistas escrevem só para artistas: é essa a tragedia do genio.

Desde que se comprehenda isto, desde logo o problema da arte e da moral fica esclarecido. Os artistas olham só ao lado artistico de uma obra de arte: não os affecta, portanto, qualquer outro aspecto d'essa obra.

Se, porém, o artista se propõe escrever para o grande publico, que não é de artistas, isto é, se o artista se propõe, por esse mesmo proposito, deixar de ser artista, então a sua obra cahe sob~~r~~ outra alçada, e deixa para ella de existir a tolerancia esthetica. A sua obra é já propaganda, e não arte, por arte que contenha. Ora as condições sociaes da propaganda são diversas das condições sociaes da arte.

O verdadeiro artista não deve inserir elementos perturbadores em obras destinadas ao grande publico, porque o grande publico é uma creança, e escrever obscenidades para o grande publico é a mesma coisa que escrevel-as para creanças, o que só um louco moral se proporá fazer.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO – Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de https://modernismo.pt/
está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.